

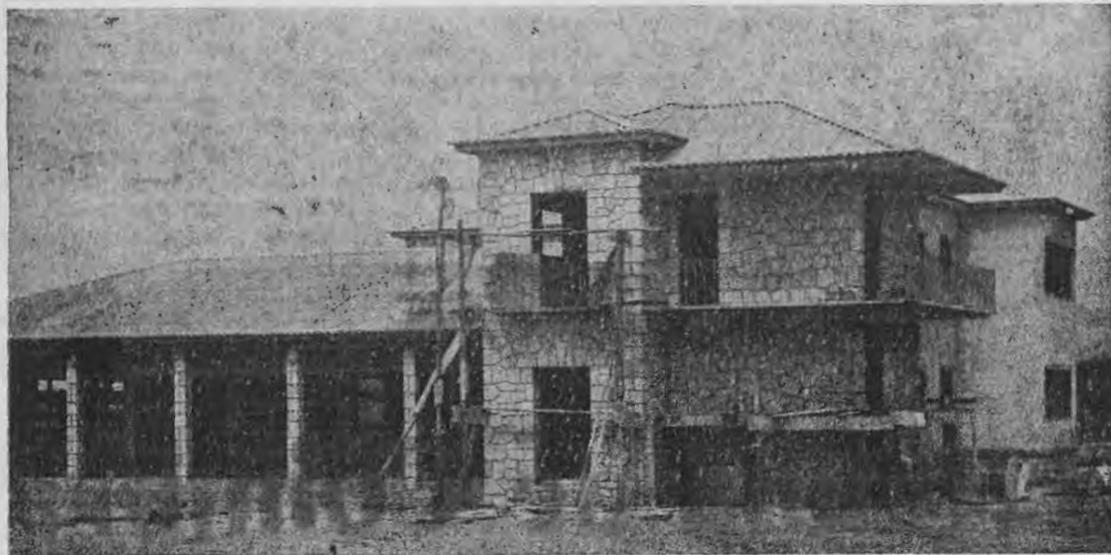


Gaiato

19 DE NOVEMBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 592 — Preço 1

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



OUTRO ASPECTO DA «CASA-MÃE» DE BENGUELA. A SOBRIEDADE E BELEZA SÃO LLEMENTOS INDISPEN-
SAVEIS EM UM «SANTUÁRIO DE ALMAS».



Aquele Senhor Doutor que nos mandou um cheque de 100 contos ajudou-nos a resolver alguns problemas que nos afligiam.

Quem mete ombros a obras desta envergadura tem que viver aflito. As obras de Deus crescem na medida das aflições dos seus obreiros.

Curvamo-nos diante desse homem que não conhecemos. Admiramos a simplicidade de seu dar. A Confiança que deposita na Obra estimula-nos a andar para a frente. É um homem bom!

O dinheiro nas mãos de homens deste quilate não separa os homens, não os divide antes faz a unidade. Cumpre a sua missão.

Todos os dias nos cruzamos com homens de dinheiro, mas... são tão diferentes daquele Senhor Doutor de Luanda... E continuamos aflitos...

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

BARREDO

Fui a Miragaia, dar Acção de Graças com as Criaditas que ali estão, fazia dez anos, ao serviço dos Pobres. Vida activa, mas simples, ao modo deles. Que o Senhor Todo Poderoso lhes redobre as forças.

O resto da manhã não podia ser para mais ninguém — os Pobres. Os simples no seu modo de pensar, na sua alma, na sua vida. Defeitos ou virtudes têm neles um cunho especial de simplicidade e por isso chocam-me mais. E nunca tanto como desta vez.

Na Fonte Taurina entro em poucas portas mas vejo muitas caras. Logo no primeiro andar, a porta à esquerda está aberta. Foi assim a primeira vez que lá entrei com o Fernando Dias, há três anos. São seis filhos à roda da mãe. Doutra vez, eram quatro na cama à roda do pai doente. Pergunto por ele, pois sei que estava no Conde Ferreira. Ela diz-me que agora tinha saído, mas que não o queria lá mais. «Fui obrigada a meter outro homem», diz ela olhando para os filhos. Como o negociante diz: «Fui obrigado a meter um sócio, a meter um empregado», ou «fui obrigado a comprar um carro»... Eu estremei por causa da espontaneidade. São seis filhos, quase todos tocados; na rua todo o dia e parte da noite, porque pior é o cubículo ou o corredor onde não cabem todas as crianças do andar, ouvindo o palavreado mau da boca das mães, que se consomem na sua vida. A rua ainda é melhor porque em casa não há pão. Quem condena esta mulher? Ela falou com simplicidade e não se anda habituado a coisas simples. Não vou aprovar o seu proceder. Mas que efeito terão tido os meus conselhos se o que tem a fazer ou desfazer é muito complicado e não está ao seu alcance? Se não há pão doutro modo...

O horizonte do Pobre é muito pequeno e por isso nada exigente. A sua vida quantas vezes é apenas vegetativa. As plantas vivem do que toparam

«Continua na terceira página

UMA CARTA

Rev.º Padre:

En Montreal e recibido su carta que me iso muy contento. Todo este tiempo lo e pasado haciendo el recorrido entre Rotterdam e los Grandes Lagos Norteamericanos. El martes 18 corr Llegaremos en Rotterdam y quando descargado los cereales, saliremo otra vez para los Grandes Lagos; pero esta vez parece que vamos a descargar a Marsella (Francia). Ese será tambien e

último viaje para los Lagos porque en Diciembre las aguas se congelan. El famoso y valiente «O Gaiato» me llegará mas o meno regularmente y me mantiene al tanto de la vida de familia. Muito me alegra la llegada de un Padre mas. A P.e Abraão-mis respectuosos saludos y un caloroso Bienvenido. En quanto a mi donativo mensual, preciso que no es para mi ningun sacrificio. Le informo tambien que todo mi sueldo, salvo el estricto necesario, lo mando a personas muy necesitadas. Desde aquella noche que de rodilla le prometí a N. S. Jesus Cristo que ayudaria los pobres, mi vida es totalmente cambiada. Para mi el mundo esta a mi espalda. Mi camifio es al lado de ustedes, en la alegría come

— Continua na página DOIS

UMA COMEDELA

Pois que outro nome se há-de dar a esta dança dos livros, que marca o início de cada ano lectivo?

Familia numerosa e pobre como somos, em cada ano começam os seus estudos secundários rapazes nossos que, naturalmente, aproveitariam os livros dos irmãos que os antecederam no mesmo curso e na mesma escola. Pois é raro que tal possa acontecer, porque as edições sucedem-se e a nova tem meia dúzia de páginas diferentes da anterior, para justificar a exigência do livro novo que bastantes professores não dispensam. Ora se os programas tivessem variado? Ou se os métodos de exposição tivessem

encontrado uma fórmula nova?... Mas não. Tudo permanece estático quando não regressivo em qualidade... — tudo, menos o negócio dos livros, que esse progride com certeza.

Ora nós fazemo-nos aqui voz de pais pobres e de numerosos filhos, que tantas vezes sacrificam o que só Deus sabe, para deixarem aos filhos a melhor herança possível: uma preparação cultural e profissional que os habilite a grangear dignamente a vida.

Que a venalidade não profane esta aspiração tão nobre, tão respeitável. E que os livros mudem, sim, consoante o progresso do ensino e do que se ensina. De outra sorte, não!

★ BELEM ★

Dialogando com os leitores, através da costumada nota de presenças, começo pela consoladora notícia de que as duas primeiras cartas, aqui publicadas, serviram de estímulo a muitos, enquanto que outros vieram apoiar e reforçar as palavras do Benfeitor de Caldas da Rainha.

«Escreva, fale das necessidades da Obra, que quem não aparece esquece» — diz um.

É uma Senhora de S. João da Madeira, com vale de 500\$: — «Quem não pede não os ouve Deus».

«O Sobrevivente do Casal B. D.», que já tinha entregue a sua esmola habitual, a propósito da carta do Benfeitor de Viseu, volta com 100\$, «para de algum modo compreender a falta de venda do jornal, pelas Belenitas e lamenta que as pessoas que se dizem católicas, só pelo facto de frequentarem as missas, para, possivelmente, darem nãas vistas, não sigam a doutrina de Cristo, que tanto prêgou a caridade». E, em dia de N.ª S.ª de Fátima, voltou com 50\$.

A Caixa de Providência do Distrito de Aveiro, está a marcar presença, mensalmente, com 60\$.

Entre as funcionárias da Caixa de Providência de Viseu, foi feita uma colecta que rendeu 100\$, em Agosto.

Senhora dos C. T. T. de Viseu, prometeu dar, mensalmente, enquanto viver 5\$00, que destinou a Belém.

«Avó de Moseavide» entregou 50. Enviaram esta mesma quantia Esmeralda, de S. Pedro do Sul

e Maria José, do Porto. Gina Maria, vale de 143\$. Cheque de 400\$, por José, do Porto. Professora de Valongo enviou vale de 484\$, importância do seu aumento de vencimento.

Helena, de Lisboa, Anónimo, também da Capital, Cecília e Marido, de Braga e todos os sócios de Viseu, presentes com as suas cotas habituais que são a nossa certeza de cada mês.

Roupas da Casa de Saúde de Coimbra, de Oledo e de Viseu, de Vila Nova de Gaia, bicicleta de Senhora,

Por intermédio de Paço de Sousa: 50\$ do Porto, de Viseu, de M., da Amadora e de Paranhos da Beira: 100\$ de Luanda, a pedir preces por sua Mãe; 250\$ do Assinante 30681; 100\$ do Assinante 12322; 20\$ de Niza; 10 mensais do «Major do Silêncio», 40 do Assinante 29887; de Nova Lisboa 2.600\$, «dum mês de vencimentos recebidos sem contar».

Agora esta carta: «Só hoje posso fazer o que há anos lembrou um assinante: que cada um enviasse 50\$ para o pagamento da Casa Nova — Assinante 12318».

Quem está ainda em dívida, tendo possibilidades de a saldar?

Agora aquele Senhor Anónimo do Porto, que em 1962 prometeu dar 20 contos para Belém. Eu confesso que já me tinha esquecido da promessa, mas ele não e compareceu agora com os 20 contos que faltavam, acompanhados de todos os recibos de vales que provam o cumprimento da promessa.

Mais uma Senhora de Castelo Branco e um Senhor do Porto, que acodem, pressurosos e cada um com 2 contos, para pagar a mercearia. Que bom! Já fica toda paga, até ao Natal.

Mas este Senhor do Porto, junta aos dois contos e às suas palavras encorajadoras uma bela promessa, de que falarei a seu tempo.

Promessas que se cumprem e promessas que se fazem, ao calor da caridade cristã, que é amor de Deus e do próximo. Bendito seja Ele!

Juntando ao que aí fica descrito as esmolas recebidas em casa, sobretudo em Setembro, que é o grande mês de Viseu, por causa da tradicional Feira Franca pudemos pôr de parte mais 20 contos, ficando agora a nossa dívida reduzida a:

190.000\$00

— 20.000\$00

170.000\$00

Bem - hajam

Inês — Belém — Viseu

AREIAS DO CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

Alegra-nos a perseverança dos Amigos da Obra. Recebemos as quotas mensais de P. e Irmãos, 500\$00; da C. B., 1.000\$00; de J. Fonseca Costa, 500\$00 e J. D. A., 500\$00. Mais 100\$; duas vezes 150\$ depositados por anónimo — Banco de Angola. Mais 300\$00 não sabemos de quem. Amiga muito dedicada ofereceu os livros para um dos nossos estudantes e mais 400\$00 com um «muito obrigado» pela oportunidade que tem de fazer bem Da Catumbela os habituais 100\$00; e mais 100, referentes à «3.ª presença» de promessa feita à vossa Obra que eu possa sempre a dar-vos na medida do possível. Um cheque de 1.000\$00

de pessoa amiga do Lobito. E 200\$00 de «uma mãe da Catumbela. De um grupo de Amigos 500\$00 e 2.000\$00 não sei de quen. Mais 150\$00, do interior, e mais 100 e mais nada.

Estamos a braços com o erguer o depósito de água que há de abastecer a Aldeia. Embora as casas onde costumamos ir pelo ferro e pelo cimento e pela madeira e por outros materiais nos mandem caminhar sem preocupações de pagamento imediato, o que é certo é que não conseguimos libertar-nos destas aflições. Olha para o Senhor Doutor de Luanda... Repara nas presenças acima indicadas e ve se lá estás.

Padre Manuel

Tribuna de Coimbra

Eu já estava deitado quando o Manuel bateu à porta e entrou alegre com um rolo de papel na mão. Chegara no último comboio de Coimbra, onde trabalha de carpinteiro. Vinha mostrar-me

um rascunho da planta da casa que o traz apaixonado.

Falámos até tarde. Conou-me como pensa comprar os materiais; da esperança que tem de conseguir parte do dinheiro pela Caixa, a um juro pequenino; quanto conta ter depositado no fim do ano; os anos que levará a fazer tudo. Eu perdi o sono a ouvir o Manuel.

O Manuel é filho de uma pobre peixeira ambulante. O homem que o gerou escondeu o nome, mas não o crime. A mãe falou quando o filho era pequenino. Estere dias morta em casa, sem ninguém dar por isso, e o menino a brincar na rua.

O Manuel veio para nós ainda não falava e consigo trouxe toda a fortuna: o seu arco. Cresceu. Fez a escola. Aprendeu a carpinteiro e hoje é um artista. Porque é habilidoso, é também um bom barbeiro. Cumpriu o serviço militar. O ano passado casou com a Susana e ficaram a viver na nossa casita do jardim. Ele trabalha em Coimbra e à noite e aos sábados à tarde, é o nosso barbeiro. A Susana é costureira e ajuda na rouparia. São felizes. Agora o seu sonho é ter uma casinha.

O Manuel e a Susana vão seguir os passos de outros filhos nossos. O primeiro foi o Zé Claro. Orfão de Pai e Mãe, veio para nós em pequenino. No fim da escola aprendeu a serralheiro e hoje é o mestre da nossa oficina de Serralharia. Encheu-se de brio e quis fazer a sua casinha e no dia do casamento foi habitó-la.

Logo a seguir foi o Luís. Sem ninguém de sangue neste mundo esteve connosco 24 anos. Era do

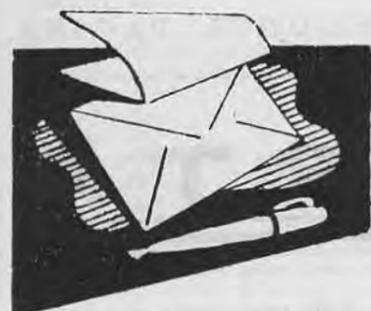
nosso campo. Foi amalhando e hoje habita uma casa que é sua.

O Pascoal, nosso ba 90 anos, ao serviço no campo, conta casar no próximo ano e anda também empenhado em ter uma casa. A conversa com o Manuel foi de morada. Ele falou de compa 2000 de trabalho que têm ido para a França, para a Alemanha, e para a Africa do Sul. O dinheiro que vão ganhar parece compensar os sacrifícios que têm de suportar. O Manuel é novo. A vida está toda diante da sua juventude. A juventude vai em debandada e a nossa vida fica cada vez mais envelhecida.

Eu falei ao Manuel da esperança em que as coisas hão-de mudar. Disse-lhe do aumento desproporcionado da vida que há-de fazer abrir os olhos a toda a Nação. Nós temos riquezas por explorar, porque nos convencemos que a casa dos outros é melhor que a nossa. Os homens responsáveis hão-de começar a encarar de frente o problema da nossa miserável agricultura; hão-de ver as lacunas na assistência por doença ou invalidez; e hão-de agarrar-se mais concretamente ao problema da instrução. A nossa gente, quando se sentir amparada, também se há-de fixar à terra e esta há-de progredir.

O Manuel gostou da conversa. A casa há-de prendê-lo à terra que o criou. Era já tarde quando se despediu com a esperança no rosto. E a minha noite foi mais leve, embora o meu pensamento continuasse na descoberta de meios para impedir a fuga da nossa gente capaz de trabalhar.

Padre Horácio



Uma Carta

Cont. da PRIMEIRA página

en la tristesa, siempre adelante con la Cruz de Cristo. Mi unica aspiracion es tener buena salud para poder seguir trabajando y compartir el pan con los necesitados. Termino aqui con enviarles mis respetuosos saludos como tambien a todos los Padres da Rua y con deseos que la grande familia se encuentre bien.

Não esqueceu ainda a maioria dos nossos leitores, aquele corajoso marítimo italiano que, há cerca de um ano, se despo-

jou de todas as suas economias num Banco de Oslo, como quem se liberta da roupa para alcançar a nado a terra firme. Tivemos então numerosos ecos de quão fundo calou em muitos corações este acto.

Pois o nosso Amigo, como já aqui foi dito, não satisfeito ainda com aquele gesto, passou a enviar-nos mensalmente o seu salário, remediando-se com os acréscimos das horas extraordinárias. Eu tenho protestado; mas em vão! Que ele sempre se defenda com o «no es para mi ningun sacrificio». E dá a razão: «Para mi el mundo esta a mi espalda. Mi camifio es al lado de ustedes,

en la alegría como en la tristesa... Mi unica aspiracion es tener buena salud para poder seguir trabajando y compartir el pan...» Quando um homem tem tais principios, um tal itinerário, uma tal ambição, a sua vida «está escondida com Cristo, em Deus»; todos os sacrificios foram consumados; pela Fé, pela Esperança, pela Caridade começa a experimentar, aqui e agora, a sua parte na felicidade pura e imaculada que Deus destina a todos os homens que crêem, esperam e amam.

Senhor do Céu, já que nos destes um Amigo assim, dai-nos também — e a todos os que nos amam — Fé e Caridade semelhantes, que nos tornem capazes de amar o mundo e os homens, pondo-os no seu relativo lugar; e nos levem a tomar, alegres e decididos, o caminho por que Cristo carregou a Cruz.



RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO

Laurindo gozou quase três dias de férias. E a culpa foi do «Caparica»! Se o calhau atingisse o corpo, era um sarilho. Mas não; foi em uma lente dos óculos. Férias. E trabalhos!...

Ora como o expediente da Editorial já provocava dor, de tão amontoado, fomos até ele, nestas curtas férias de ex-«Caixa d'Óculos». Horas cheias! Não pelos nomes, as importâncias, a origem das cartas. Sim, pelo conteúdo de todas elas. Desde a pequenina legenda, à rica súplica das extensas, como esta, de uma algarvia:

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Queridos irmãos em Deus. Dando primeiro graças a Deus e depois ao nosso sandoso Pai Américo, sinto dentro de mim um dever e esse dever é alto... O dever de fazer entrar em todos os lares uma luz, a Luz da Verdade; a única Luz que pode fazer os seres verdadeiramente felizes. E essa Luz Deus, a seguir a Obra de Padre Américo, que é também nossa. Li o 1.º volume do «Pão dos Pobres», que a este livro também se pode dar o nome de Santos Evangelhos.

Vi nos sagrados dizeres de Pai Américo verdades que podem fazer bem a estas almas tresloucadas pela luxúria e

ambição: «Deus já não tem razão de ser...»

Ah! meu Deus, quanto isto me fere a alma! Deus, a quem devemos tudo na vida.

Diz no livro «Não o dessem emprestes». E eu resolvi mandar vir livros de Pai Américo porque não posso nem devo guardar tanta felicidade só para mim. Peço-vos, em nome de Deus, que me mandem os que puderem. Eu vendo-os e, depois, todo o dinheiro que me derem para cá o mando, com todo amor e carinho. Agora vou revelar-vos um segredo da

da NOSSA EDITORIAL

minha alma: tenho um filho e desejava, ardentemente, que ele fosse Padre e apóstolo de Deus. Pobre como vós. Em nome de Deus peço-vos que me ajudem e me digam o que devo fazer; tem apenas 2 anos e 4 meses, mas nas minhas orações, já vou pedindo ao Senhor, Rei do Céu e da Terra, que me ajude a fazer dele um bem Padre».

A letra, a ortografia (emendados esta e estamos arrependidos) afirmam que é mulher

do povo. Sem títulos, sem «canções», talvez sem a quarta classe. Mas o que ela diz e de que maneira! Comentar, seria mesmo profanar.

Agora, ouçamos a voz de outra mãe, das Caldas da Rainha:

«Queridos Gaiatos:

Saúde e felicidades para toda a grande família dos gaiatos, é o que do coração desejo.

Venho trazer por este meio, 20\$00 para acusar a recepção de 1 exemplar do «Obra da Rua», que é a minha leitura toda, as noites, depois de estar deitada e antes de adormecer. Leio sempre algumas páginas,

sim, porque «isto» é Maná Celeste para saborear, não é para se ler dum fôlego. As vezes não rezo, mas ler estas Obras vale por orar».

Ora vejam os senhores como vale a pena responder ao célebre postal-aviso! «As vezes não rezo, mas ler estas obras vale por orar». E vale: «Porque «isto» é Maná Celeste».

Há dias, junto à igreja de Aldoar (Porto), esperávamos horas. Era um cair de tarde, sossegado, em contraste com a barulheira do centro da cidade. Passa um desconhecido. Pára. Cumprimenta. E falou, falou, falou. A nossa Obra foi o tema. Hoje, é a resposta. Aqui está:

«Já há muito que eu devia ter-lhes encomendado todos os livros do nosso querido Pai Américo, mas como o dinheiro é sempre menos do que o que a gente desejava, assim se foi passando e eu sou devoto a



Continuação da primeira páz.

na terra e a estrutura molecular das folhas transforma em alimento que as faz adaptar-se às possibilidades do solo e condições do clima, muito embora a sua existência possa ser atrofiada. Vida atrofiada, vida resignada. O Pobre é um resignado. Mesmo que o não fosse por espírito cristão, é-o tantas vezes por desapego do mundo. Ninguém o será tanto, porque ninguém chega a tão pouco.

A Tia Maria Noeua, dez reis de pele e osso, moradora nas escadas do Barredo há mais de cinquenta anos, vive num cubículo enfeitado de papéis coloridos e calendários obscenos, de mistura com estampas e imagens. É aquela que se lamentava de já não ter azeite para alumiar «à Nossa Senhora e ao Santo Pai Américo». Ao subir as escadas topo com

ela a uma porta e faço-lhe sinal. Subimos. O fogueiro está na escada, ainda apagado. Fico à porta por não cabermos os dois. «Tinha ido ali abaixo, — começa ela. Foi uma senhora que me deu estas guelrinhas de pescada. Estão frescas» — e destapou o prato para eu ver. Aquilo que ninguém come! E depois começou a desfiar o rosário dos seus males. Foi mordida por um cão. Uma senhora acompanhou-a três vezes ao Hospital. «O senhor doutor disse-me que tinha de ir lá dez dias a fio tomar injeções». Como não podia andar, devido ao ferimento, e doutro modo não tinha posses: «eu disse, olhe sr. Doutor se morrer, sou mais uma vítima. Sabe o que lhe diga! Louvado seja o Senhor». Não tornou lá e sarou. Louvado seja o Senhor pela resignação das mulheres do Barredo.

Padre José Maria

sério dessa grande Obra e não se compreende esta atitude.

Não tenho pressa nenhuma; talvez só tenha mais vagar para as férias do ano que vem, veja lá; só não quero é ficar sem eles. Se me permitem também não terei pressa em pagar, mas de vez em quando para não me custar muito duma só vez, lá irá. Está bem?»

Ainda foi a tempo. Mas olhe, bom Amigo, o 1.º volume do «Pão dos Pobres» já está quase esgotado! Tem sido uma chuva de pedidos. A propósito: Tenho aqui a meu lado, um monte deles para aviar. Pois

a quebra da lente dos óculos do Laurindo atirou com mais serviço para cima de nós! Note uma quebra de presenças ultramarinas. E fico triste. As cartas e os pedidos de África são um rebugado. Vejo presenças da Amadora, Águeda, Lisboa, Válega, Arganil, Moga-douro, Ferreiros do Dão, Gaia, Porto, Piódão, Alijó, Ilhavo, Crasto, Mora, Faro, Caxarias, Tomar, Damaia, Beira — Moçambique, Dundo e Uige — Angola, e Macau. Um mapa de Portugal!

Júlio Mendes

Um grito de justiça

Não devia a ser eu a escrever esta local. Eu não sou o lavrador da casa. Padre Zé Maria é que é. E eu já lhe tenho sugerido e suplicado várias vezes que bote escrito sobre este tema..., mas ele sorri e não bota mesmo. Pois boto eu.

O assunto é Pecuária. E a causa próxima desta minha urgência foi a apresentação que ele me veio fazer, ao chegar de Penafiel, das vacinas para os porquinhos nascidos há dias e para os que se esperam por estas semanas. Um ror de dinheiro!

Ora a pecuária é ainda o resto do pulmão menos tocado pela caverna da tuberculizada lavoura. Os Pobres amanhã para comer um caldo de água e couves, temperado com um arremedo de unto e acompanhado por broa com conta, peso e medida. O bacorinho que vão comprar à feira e que engordam com a partilha do seu magro alimento, é toda a fonte de receita em numerário, com a qual compram uma chitazita e um riscado mais o cotim para as camisas e saias e calças los familiares.

E se o porquito apanha moléstia? E se é preciso chamar o veterinário? E se ele receita e aplica remédios?

Eu sei por nós. Eu calculo pela sangria que representam estas vacinas, pelo preço de

cada visita do veterinário, as dificuldades dos ainda mais pobres do que nós, nas horas infortunadas em que a doença entra no curral. Já temos sido visitados por muitos, que acorrem aflitos por uma esmola para salvarem o gadito; por outros que tiveram de resignar-se a vê-lo morrer (como aliás também aos próprios filhos) por não chegarem à consulta do veterinário, nem aos remédios que ele aplica — e vêm agora pedir uma esmola para na próxima feira comprarem novo bacorinho e recomeçarem a sua odisseia.

Pobre lavoura! Abandonados Pobres! Pois não seria possível que ao menos, esta parte mais sã da sua vida de sangue e suor, que é a sua pequenina exploração pecuária, fosse acarinhada e assistida de modo que ao sangue e suor se não juntassem tão frequentemente as lágrimas?!

Que este grito de justiça chegue às esferas competentes e que o senhor doutor veterinário receba de quem quer que seja a sua paga, mas venha de graça e traga remédios de graça e previna de graça, com as vacinas precisas, os males que podem vir — e assim se evite a angústia com que vão diminuindo os pobres lavradores, enquanto esperam o crescimento da sua peça de gado.

Filhos ilegítimos?

Temos pensado muito. E saído também.

Eu não sei se quem legisla sofre ao gerar a lei. Se sofre as suas omissões e excessos — defeitos inerentes a toda a obra humana. Se sofre o melindre de qualquer norma mal nascida ou desenvolvida inadequadamente, sobretudo quando o objecto da lei é coisa viva e sobre ela é que pesam as consequências da inadequação.

Não sei — e não queria ser injusto. Mas gostava que os juristas se debruçassem humildemente sobre uma tese de que Pai Américo teve a intuição (como de tantas outras verdades, por graça de Deus!) e pela qual sofreu e se bateu ao longo da sua vida de «padre da rua»:

NÃO HÁ FILHOS ILEGÍTIMOS. OS PAIS É QUE O SÃO.

Temos pensado muito. E todo um mundo de conceitos às avessas daqueles que têm corrido e

correm, apesar de dados à luz, numa sociedade cristã, por espíritos que acitam a Luz que Cristo é.

Pois «se a norma se dirige à consciência humana», será normal (e moral!) predicar-se a conformidade ou desconformidade à lei a respeito do termo passivo de uma acção? Não deverá, antes, classificar-se de legítimo ou ilegítimo o seu actor?

O filho é o consequente possível a todo o acto-exercício de poder um homem ser pai. Nada fez para existir. Ninguém lhe pediu consentimento para que existisse. O seu arbitrio (portanto a impotabilidade) de homem que vai ser, foi absolutamente passivo em relação ao acto que o gerou.

Donde, pois, o direito de chamar-lhe legítimo ou ilegítimo?

— enquanto o autor da acção, conforme ou desconforme à lei, permanece isento de classificação pelo acto que responsávelmente cometeu?

Uma ultrapassagem contra as normas do código é uma acção ilegítima. Se teve como consequência o atropelamento de alguém — acaso se chama ilegítimo à vítima porque sofre, mas não de doença natural? Ou não é ao condutor imprudente que a Autoridade pede contas, por não ter actuado conforme à lei?

Toda a ilegitimidade provém de uma acção. Pode tornar-se

Continua na QUARTA páz.



BELÉM

* A chuva já começou. Precisamos de capas e chapéus. As da escola são seias, dos 7 aos 12 anos. Saem de casa e demoram um quarto de hora a chegar à escola. Ao meio dia vêm almoçar a casa e voltam para a escola. Molham-se da cabeça aos pés, por isso precisam de capas ou chapéus.

Outras que vão à cidade fazer recados também precisam, pois a nossa

mando todos para se dirigirem directamente ao «Movimento Nacional Feminino».

* **Campanha do Acordeão:** — «Grão a grão enche a galinha o papo». Dizia Manuel Pinto (nome caixa) ao receber mais um grãozinho para a campanha. Fui escutado por alguém! Já estou mais satisfeito porque retoma o ânimo anterior pela campanha do Acordeão. Uma nossa amiga que nos enviou camisas muito quentinhas foi ler o Gaiato já depois de nos ter escrito e deparou com a minha queixa! Voltou a abrir o envelope e acres-

mos durante muito tempo. Foi uma alegria. Não contava!

Acima de tudo, porém, situámos a nota de carinho pela sua vicentina, tesoureira da Conferência Feminina. Será descabido, talvez, dizer a verdade, que m'alegrou. Mas a verdade tem muita força. E faz muito bem... Até a nós outros. Aqui vai a prova: Havia, no quarto, uma saqueta de casta-



PELAS CASAS DO GAIATO

casa ainda fica distante meia hora de caminho, a pé.

As que tratam dos animais,apanham erva e fazem outros serviços no campo; também precisam, porque se molham. E não temos onde enxugar tanta roupa.

Os senhores comerciantes não terão por lá arrecadadas pelos cantos capas ou chapéus que já não vendam? As mães de família não terão chapéus ou capas que já não sirvam aos seus filhos?

Esperamos pela vossa generosidade. Por tudo, o que mandarem, ficamos muito agradecidas.

Fátima

centou que não seria amiga se não levantasse a voz. Assinou-se amiga e foi com amizade que meteu mais uma migalha dentro do envelope. Diz-nos que é amiga das ocasiões. Dos netinhos Maria do Carmo, Maria Cristina, Maria Teresa e Manuel Paulo, 50\$00, fruto duma festazinha que fizeram para este fim. Do assinante David Augusto de Sousa, 10\$00. Do «Pereirita» 50\$00 desejando óptima aprendizagem ao candidato. E por último, de uma Isabel que nos envia 20\$00, com a amizade em Cristo. Pergunta quanto falta. O acordeão custou 6.500\$00. Podem dar 2.000\$00 para fechar a conta. Já não é muito, pois não? Onde tudo paga nada é caro! Por isso não se assustem ao olhar para os 2.000\$00 que também se liquidam.

João da Rocha

* No dia 23 de Outubro veio a nossa Mestre. A nossa Mãe dizia muitas vezes que precisávamos muito duma Mestre de costura e bordados. Antes dela vir andávamos a fazer travessuras e lençóis de bainha aberta. Quem cozia as almofadas éramos nós, a mãe, com persponto e ponto de cabeça. Não ficaram mal feitas mas, se fossem cozidas à máquina, ficavam mais perfeitas. Já estão todas feitas, uma com nastro, outra com casas e botões.

Agora que temos cá uma Mestre, temos que aprender a cozer e a costurar, porque já estamos muito crescidas e qualquer dia temos que ser nós a tratar da nossa roupa, porque as maiores andam noutros trabalhos. Agora já temos quem nos ensine, mas o que nos falta é uma máquina de costura, porque a que cá temos está estragada e faz-nos muita falta.

Se os Senhores tiverem por aí uma máquina que não precisem, podem mandá-la para cá que ela cá faz-nos muito jeito e ficávamos muito agradecidas.

Fernanda

Paço de Sousa

* Tom-me chegado várias cartas de soldados, pedindo para que os seus nomes sejam mencionados no «Gaiato» a fim de obterem madrinhas de guerra. Ora os nossos amigos não devem estar muito satisfeitos com o resultado que têm obtido com seus pedidos, pois nunca me dignei pôr seus nomes no nosso jornal, pela simples razão de haver revistas adequadas para este fim e que estão ao seu inteiro dispor. Todavia o número de pedidos tem aumentado consideravelmente e então resolvi pôr «ponto final» infor-

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

VENI AL O NATAL — A pouco menos de um mês de distância, são horas de lembrar os leitores que, para darmos farta Consolada aos Pobres, precisamos da vossa ajuda. Os fiéis de Paço de Sousa ouviram já, do altar abaixo e pela boca do Pároco, um veemente apelo. É de crer que muita gente corresponda. Não importa como e quanto. O que interessa é ser de acordo com as disponibilidades de cada um. Temos uma data de Pobres! Não me ocorre, agora, o número exacto. Mas são à beira de 40, senão mais. Ora, sobretudo as donas de casa, (sabem melhor que nós, homens, o custo da mercearia e padaria e o mais) façam contas e vejam em quanto há-de orçar a Consolada!

Peçamos ao Senhor que desperte quantos hajam adormecido. E, quem dera!, já na próxima quinzena ter boas notícias. Deus permita.

OS NOSSOS POBRES — Domingo anterior, ouvida e vivida a cruz de um jovem casal (ele trabalha no Porto há mais de 15 dias, com muitos mais, antes, de fome e doença) bate-mos à porta de uma pobre viúva. Quisérámos confortá-la, retida no leito de dor e sofrimento, porque a visitá-

nhas. Ao revolver coisas e loisas e enquanto falávamos da reparação necessária em portas e janelas da moradia, a filha da pobre viúva levanta a cabeça e afirma com doçura: «Veja lá!, estas castanhas foi ela que as trouxe. São da casa dela!»

O QUE RECEBEMOS — Foi tão pouquinho. esta quinzena! Demos graças a Deus, no entanto, por não ter sido em branco.

Um assinante de Milheiroz — pela mão de um Vicentino de Rio Tinto — com 10\$00. O mesmo de outro assinante, de algures. Mais o dobro, de uma funcionária dos C. T. T. U., em Lourenço Marques. Por fim, uma carta de M. L., de Espinho:

«Há muitos anos assinante de «O Gaiato» acompanho de perto, porque os sinto, todos os acontecimentos da vossa Casa, da vossa vida, dos vossos e nossos doentes, dos vossos e nossos pobres.

Algumas vezes tenho enviado pequenos donativos para acudir a necessidades prementes de desprotegidos. É agora o caso do pobre varredor, doente, desempregado e a sofrer privações por ser envergonhado.

Quero, na medida do possível, contribuir para atenuar as suas necessidades e para isso envio 75\$00 num vale, em sufrágio da Alma muito querida de meu saudoso Marido, para quem peço orações. 75 eram os anos que contava, se vivo fosse.

Uma triste Viúva que vos envia cumprimentos. M. L.»

Júlio Mendes

Brincai, Crianças.

Brincai, brincai...
Rostos morenos,
Corpos franzinos,
Brincai, pequenos!...

Brincai, brincai...
Pois o brinquedo
Na vossa idade
Não é segredo.

Brincai, brincai...
Que a brincadeira
Dos vossos anos
É companheira.
Brincai, brincai...
Mui santamente.
E Deus no Alto
Fica contente!...

Benguela, X-66

Santos Silva

Filhos ilegítimos?

Cont. da TERCEIRA pág.

estado enquanto o sujeito, não depõe as causas e permanecem, portanto, as consequências da sua acção. Há, pois, uma relação intrínseca entre a acção desconforme à lei e o sujeito que, por via dela, se torna ilegítimo. O ladrão que roubou, se restituí, se repara, pode sofrer sanções como purgação do seu roubo; mas legitima-se perante a sociedade pela reparação que praticou. É assim a Justiça no Reino de Deus, onde «há mais alegria por um pecador que faz penitência do que por noventa e nove justos que perseveraram».

Por conseguinte, não vejo fundamento ao direito a classificar quanto à legitimidade alguém incapaz de agir. Nem vejo por que há-de chamar-se ilegítimo o consequente de uma acção ilegítima, se é uma pessoa — quando não sei de outro exemplo em que o mesmo critério sirva de base,

sempre que são coisas as consequências de uma tal acção.

De resto, o legislador confirma o nosso pensamento com a acção de premissas de que virá a concluir, espantosamente, e em oposição à vida que parece não conhecer nem comungar: «A ilegitimidade não reside no próprio filho, senão no acto que o gerou: uma vez produzido, o fruto deste é por si digno de todo o respeito e protecção, visto não ser menos que uma pessoa humana, com toda a dignidade e com a vocação para fins superiores, que a caracterizam». E acrescenta o que julgamos óbvio: «Por isso muitos, alegando a falta de culpa por parte dos filhos ilegítimos, quereriam ver abolida aquela distinção e unificado o regime dos efeitos da filiação». Pois que há-de querer?!...

Mas, se toda a ilegitimidade provém de um acto e deve ser imputada a quem o cometeu, a

legitimidade, parece-me conceito muito ligeiro e perigoso pela irresponsabilidade que desencadeia, considerá-la resultante de um acto. A legitimidade é um hábito, fruto da perseverança em opções conformes à lei.

Pois será legítimo, só porque se casou, um homem ou uma mulher que abandona à sua sorte lar e filhos, tantas vezes sem razão alguma a atenuá-lo, antes, só pela força da leviandade?

Infelizmente, perante as leis, parece que sim. Mas havemos de continuar a pensar alto, tendo por fundamento a LEI, até convenceremos os homens de que se enganam ou nos convenceremos de que Pai Américo se enganou.

Visado pela

Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE